

A ITÁLIA NO HORIZONTE DO CURRAL DEL REY

Zuleide Ferreira Filgueiras
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: A pesquisa trata sobre a influência da imigração italiana na denominação dos logradouros públicos da cidade de Belo Horizonte, visando, por meio da investigação do léxico toponímico, resgatar aspectos históricos e sócio-culturais da capital mineira, na época de sua construção. O estudo alicerça-se na Onomástica e na Toponímia, buscando extrair do nome, expressão linguística que reflete muitos aspectos do ambiente, elementos passíveis de reconstruir o passado. Na pesquisa, optou-se por investigar apenas os antropotopônimos, com a finalidade de averiguar, afora a incidência, aspectos relacionados à memória coletiva do grupo humano analisado.

Palavras-chave: Antropotoponímia; Imigração Italiana; Belo Horizonte

***ABSTRACT:** The research is about the influence of the Italian immigration in the naming process of streets, avenues and public locations in the city of Belo Horizonte. Through the investigation of the toponymical lexicon, this study aimed the rescue of historical and socio-cultural aspects of the capital of Minas Gerais at the time of its construction. The study is based on the Onomastics and Toponymy in the attempt of extracting from a name, the linguistic expression which reflects different aspects of the environment, elements which are susceptible of rebuilding the past. During the research, a decision was made about investigating only anthro-toponyms with the objective of verifying, save the incidence, aspects related to the collective memory of the group of people studied.*

***Keywords:** Anthro-toponymy; Italian Immigration; Belo Horizonte*

Introdução

A linguagem, em sua permanente interação com a sociedade, tendo a palavra como seu principal elemento, consegue configurar a realidade e registrá-la,

capturando os acontecimentos sociais das diferentes épocas e compartilhando dados das mais diversas gerações.

Desde os tempos remotos, os homens criam e utilizam palavras para expressar e denominar tudo aquilo que lhes é sensível aos sentidos, pois, como bem assinalam Oliveira e Isquierdo (2001, p.12), o léxico é o nível da língua que primariamente modela o ambiente externo e, por extensão, cataloga o saber linguístico das comunidades de fala. Dessa maneira, o estudo do léxico leva à compreensão dos conceitos sociais, da vida cotidiana das pessoas que vivem em grupo; enfim, da cultura das sociedades.

Mais do que isso, o léxico, como sentença Lenneberg¹, funciona “como uma fotografia que congela o movimento”, traduzindo a realidade social ao seu próprio estilo. Tanto é assim que a não-equivalência semântica – entre os signos linguísticos das diferentes línguas – acaba comprovando essa diversidade interpretativa do mundo e da sociedade.

Nas palavras de Biderman (2003, p. 88), “a atividade de nomear é específica da espécie humana” justamente porque, ao observar o ambiente à sua volta, o homem necessita identificar cada um dos elementos percebidos e transmitir, aos seus semelhantes, ideias e conceitos acerca dos mesmos.

A atribuição dos nomes, portanto, é o reconhecimento humano da existência de algo, significa adicionar um elemento novo ao universo cognitivo, ao conjunto das coisas que são conhecidas e de domínio, pois tudo que passa a ter nome é algo que circula na esfera de interesse do denominador. Dessa maneira, o nome não é uma mera designação, ele carrega consigo um valor significativo, pois expressa um atributo com o qual o objeto denominado passa a ser identificado, valendo lembrar que o nome próprio, ao contrário do comum, tem características semânticas distintas, já que aponta deiticamente, para o possuidor do nome, sem informar algum significado específico.

Mais do que nomear coisas e objetos, o homem atribui nomes às pessoas e aos lugares e a essa ciência dá-se o nome de Onomástica, que é o estudo da origem e das alterações (no sentido e na forma) dos nomes próprios. Como esses se referem a locais e pessoas, a Onomástica se divide em 2 (duas) disciplinas distintas, porém complementares: a Antroponímia – que trata dos nomes das pessoas; e a Toponímia, que trata dos nomes próprios de lugares. Ambas procuram resgatar significados desaparecidos ou semanticamente esvaziados.

Sobre a importância dos instrumentos onomásticos, como fontes de investigação linguística, é interessante considerar esse valioso apontamento de Dick:

1 LENNEBERG, 1975 *apud* BIDERMAN, 1998a, p. 91.

Exercendo na toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. [...] Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990a, p. 21)

Reconhecendo esse valor informativo dos topônimos, a presente pesquisa buscou, na antropotoponímia urbana de Belo Horizonte, MG, encontrar informações sobre o passado da capital mineira, sobretudo o da época de sua construção, momento que contou com a participação valorosa da mão de obra de imigrantes italianos.

1 A Toponímia

A Toponímia é a disciplina que, dentro dos estudos linguísticos, investiga o léxico toponímico – ou os nomes próprios de lugares – considerando-o como a expressão linguístico-social que reflete aspectos culturais e históricos de um grupo humano existente ou preexistente.

Constituindo-se em disciplina que caminha *pari passu* com a História, a Toponímia permite, com seus dados, conhecer a relação entre o ser humano e o espaço onde ele vive ou viveu, por meio da análise da motivação do denominador, em sua atitude espontânea ou não de escolher os nomes dos lugares.

Vistos como símbolos carregados de significados, os topônimos fazem parte da identidade coletiva de uma comunidade e, por isso, refletem as marcas – do saber cultural e histórico – deixadas no ambiente onde foram inseridos.

Sobre esse assunto, Dick afirma que:

O sistema denominativo, acionado pelo denominador, é, assim, um reflexo de tudo aquilo que representa, cumulativamente, hábitos, usos, costumes, moral, ética, religião. Os parâmetros que utiliza, nesse ato, posicionam-se em relação diretamente proporcional ao que mais o impressionou ou sugestionou, no momento da criação do nome, dentro de um princípio derivado daquele remoto conjunto de circunstâncias comuns. (DICK, 1997, p. 42)

A Toponímia, considerada como parte do estudo do léxico, é um dos principais instrumentos promovedores do resgate do léxico desaparecido ou,

pelo menos, semanticamente esvaziado, pois, embora nascida na oralidade, quando ela se materializa em codificações escritas – em cartas topográficas, mapas e plantas, por exemplo – assegura e demonstra, assim como qualquer outro documento formal, os fatores de estabilidade da língua.

Nesse sentido, devido à tendência conservadora do topônimo, qualquer área toponímica pode ser percebida como uma espécie de “sítio arqueológico”, onde é permitido reconstruir, por meio da análise dos vestígios linguísticos e dos significados cristalizados nos nomes dos *topos*, os fatos sociais “desaparecidos”. Sendo assim, os topônimos são considerados um patrimônio, porque, por meio dos mesmos, é possível identificar padrões de ocupação, identidade e diversidade linguística.

O estudo do léxico, na sua variedade toponímica, possibilita o reconhecimento de elementos que atravessaram o tempo, permitindo o resgate da própria substância ontológica do social, pois, como afirma Dick (1990, p. 23), “o topônimo está onerado de uma profunda carga significativa.”

Quando se pensa na denominação dos lugares, automaticamente, cogita-se sobre a questão da referência e o clássico triângulo semiótico dos autores Ogden e Richards (*apud* LYONS, 1979, p. 67) esquematiza, modernamente, a referência, que é “o termo atual para as ‘coisas’ como ‘denominadas’ ou ‘significadas’ pelas palavras” (FIG. 1).



FIGURA 1 – Triângulo semiótico.

FONTE: Ogden e Richards (*apud* LYONS, 1979, p. 67.)

Lyons analisa esse esquema da seguinte forma:

(...) as palavras não “significam” nem “denominam” as coisas, mas se referem às coisas. Feita a distinção entre forma, significado e referente, podemos dar a conhecida representação diagramática da concepção tradicional entre esses três elementos sob a forma de um triângulo (...). A linha pontilhada entre forma e referente significa que sua relação é indireta: a forma liga-se a seu referente por meio do significado (conceptual) associado àquela e a este, mas de maneira independente. Esse diagrama ressalta um fato importante: que, segundo a gramática tradicional, a palavra resulta da combinação de uma forma específica com um significado específico. (LYONS, 1979, p. 67)

Essas reflexões demonstram porque em Onomástica é indispensável lidar com o contexto (o referente) para recuperar o significado do nome e reconhecer o seu percurso gerativo e, nessa perspectiva, a Toponímia tem como um de seus princípios básicos a análise da relação do homem com o meio, no que se refere à designação dos *topos*.

Muitas vezes, a referência se perde no tempo e o topônimo, na qualidade de designador rígido, torna-se uma importante fonte de recuperação da memória que ficou esquecida, já que, como ressalta Seabra (2006, p. 1954), ele é uma entidade que vai além da expressão linguística e envolve, obrigatoriamente, o próprio referente que destaca.

Dessa maneira, acredita-se que a investigação dos nomes atribuídos aos lugares assume relevante papel na compreensão do ambiente que se pretende decifrar, resgatando partes de seu contexto histórico desconhecido e características pouco evidentes de sua população.

Sendo o topônimo um signo linguístico motivado, a toponímia não se ocupa apenas em desvendar a etimologia e a formação dos signos, dedicando-se também à motivação; ou seja, procurando descobrir o porquê da escolha ou quais foram as motivações que animaram o denominador a atribuir determinados nomes aos lugares.

Sobre isso, Guiraud (1980, p. 59) já defendia a convencionalidade – e não a arbitrariedade – como a característica primordial do signo linguístico, pois, segundo ele, um signo linguístico já cristalizado perde sua motivação por meio da convenção, “mas todas as palavras são motivadas em seu ponto de partida.”

Dick, expandido a reflexão sobre a questão das denominações dos lugares, incluiu os centros urbanos, quando ressaltou que:

a rua é o caminho melhorado, do ponto de vista de sua morfologia, e, semanticamente, a rua é um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. A rua tudo testemunha, numa atitude cúmplice de aceitação. (DICK, 1997, p. 31)

Se a rua também é vista como um *topo* – isto é, um lugar, a toponímia urbana, constituída pelos nomes dos logradouros públicos – quando preservada ao longo do tempo, se constitui em relevante fonte de informação histórica e social sobre uma cidade, pois, de acordo com a teoria do francês Jean Brunhes – citado por Seabra (2004, p. 141) –, os nomes podem ser vistos como *fósseis* linguísticos que, sobrevivendo até a atualidade, autorizam-nos a adentrar no universo lexical de épocas pretéritas.

2 A construção de Belo Horizonte e a nomeação de seus logradouros

O espaço geográfico escolhido para a construção da nova capital de Minas Gerais, no prazo constitucional de 1894 a 1897, foi o pacato arraial do Curral Del Rey. Para conseguir transformar o quase nada que era aquela pequena freguesia, emoldurada pelas encostas da Serra do Curral em uma grande metrópole, com amplas avenidas, ruas espaçosas e imponentes edifícios públicos, fazia-se indispensável reunir mão de obra que apresentasse, ao mesmo tempo, conhecimento técnico e qualidade na execução dos serviços.

Todavia, com o País recém-saído da escravidão e não existindo oferta suficiente de trabalhadores especializados na construção de edificações maiores e com fino acabamento, o engenheiro Francisco de Paula Bicalho, novo chefe da Comissão Construtora a partir de 1895, buscando solucionar tal deficiência e prevendo que o período das construções, propriamente dito, exigiria um verdadeiro batalhão de trabalhadores, foi levado a apelar para o serviço de imigração, solicitando à Secretaria da Agricultura, no dia 12 de agosto de 1895, a contratação de imigrantes.

Foi assim que a capital em construção começou a receber milhares de imigrantes trabalhadores, dentre os quais se destacou os de nacionalidade italiana. Segundo levantamentos realizados, pela historiadora Monteiro (1973, p. 173), nos livros de entrada da Hospedaria de Imigrantes Horta Barbosa², no período de 1894 a 1901, chegaram a Minas Gerais 47.096 (quarenta e sete mil e noventa e seis) italianos, além de 3.001 (três mil e um) elementos que se declararam originários de regiões e províncias italianas.

2 A Hospedaria Horta Barbosa existiu em Juiz de Fora, Minas Gerais, abriu suas portas em agosto de 1888, no bairro da Tapera, atual Santa Terezinha, e foi desativada na primeira década do século XX.

A presença do imigrante italiano, desde o início da construção da cidade, influenciou a formação do belo-horizontino, pois, habilitados em funções diversificadas, esses italianos trouxeram conhecimentos industriais, especialmente nos ramos da construção civil e da alimentação, inaugurando, posteriormente, dezenas de firmas na capital mineira.

Como se sabe, é costume, nas cidades, nomear vias e espaços públicos (avenidas, ruas, praças, parques e jardins) homenageando pessoas, datas, lugares e acontecimentos relevantes de sua história e cultura. Em Belo Horizonte, a denominação dos lugares foi uma questão pensada desde o seu planejamento, constando, inclusive, na planta original de Aarão Reis³, que utilizou uma lógica de identificação bem definida. As praças, avenidas e ruas, consideradas principais, receberam nomes de cidades, rios, montanhas, datas históricas mais relevantes para o Estado de Minas Gerais e para o Brasil, nomes de personalidades que, por seus importantes serviços, mereceram ser perpetuados, e de sentimentos ou de entidades (a Liberdade, a Federação e a República). Os nomes de minerais, de pedras preciosas, tribos indígenas, Estados brasileiros e algumas outras designações foram acrescentados posteriormente.

As avenidas receberam nomes de personalidades históricas: Cristóvão Colombo, Álvares Cabral e Afonso Pena. De rios importantes: do Amazonas, do Araguaia, do Carandaí, do Paraná, do Paraopeba, do Paraúna, do São Francisco e do Tocantins. De formações montanhosas: do Itacolomi e da Mantiqueira e outros nomes em exaltação aos aspectos históricos e sociopolíticos, como: do Brasil, do Comércio, do Império e da Liberdade.

As ruas, de orientação aproximada norte-sul, receberam nomes de Estados brasileiros, sendo que, quando o nome do Estado coincidia com o de algum rio já utilizado – do Amazonas e do Paraná, por exemplo – adotava-se a denominação da capital desses Estados: Manaus e Curitiba. Findos os nomes dos Estados, foram utilizados os nomes das cidades mineiras, como Ouro Preto, Paracatu, Uberaba, etc.. As ruas, de orientação aproximada leste-oeste, receberam nomes de tribos indígenas: dos Tupis, dos Guajajaras, etc., e de vultos históricos, especialmente relacionados à Inconfidência Mineira: Marília de Dirceu, Tomaz Gonzaga, Santa Rita Durão, etc..

Todavia, com o processo de crescimento desordenado por que passou nos seus 115 (cento e quinze) anos de existência, a cidade evoluiu das poucas de-

3 Engenheiro e urbanista paraense nomeado como 1º chefe da Comissão Construtora da Nova Capital do Estado de Minas Gerais.

zenas de logradouros – compreendidos no limite da sua área urbana original, a Avenida do Contorno – para os milhares hoje existentes, ocasionando inevitável relaxamento do planejamento, da manutenção e da preservação dos nomes e, mesmo, de seus significados.

Atualmente, de acordo com dados da PRODABEL⁴, a capital mineira conta com 14.271 (quatorze mil, duzentos e setenta e um) logradouros públicos, todos com denominação oficial atribuída. Embora haja uma estreita ligação do indivíduo com a rua onde vive, nem sempre os moradores têm conhecimento de quem foi a pessoa cujo nome foi atribuído à rua onde moram, que fato é marcado pela data que batiza a praça onde seus filhos brincam, nem o que quer dizer o nome da avenida mais próxima da sua casa.

Buscando preencher essa lacuna, a Onomástica, e, mais particularmente, a Toponímia pode ser utilizada como precioso instrumento interpretativo das denominações dos logradouros públicos, fortalecendo os laços de relacionamento do cidadão com o ambiente urbano em que habita.

3 Aspectos teórico-metodológicos, objetivos e composição do *corpus*.

O referencial teórico adotado nesta pesquisa toponímica foi variado e, para tanto, procedemos à leitura de diversos textos científicos de autores que tratam do léxico, da Onomástica e de sua relação com o ambiente, a sociedade e a cultura. As análises apoiaram-se nos fundamentos da Toponímia, da Sociolinguística e da Antropologia Cultural.

Como a pesquisa envolveu a cultura e a sociedade locais, focalizamos aspectos históricos e geográficos da cidade, buscando compreender a sociedade belo-horizontina na época de sua construção.

Considerando a riqueza informativa dos topônimos, enfatizada em vários tópicos anteriores, o principal objetivo da pesquisa foi examinar a atual toponímia urbana de Belo Horizonte, buscando encontrar, nos nomes de suas avenidas, becos, praças e ruas, a memória preservada do imigrante italiano que ajudou a construir e a desenvolver a cidade.

Como objetivos específicos, estipulamos:

- realizar um levantamento geral de todos os logradouros de Belo Horizonte, identificando os que foram denominados por antropônimos de origem italiana;

4 PRODABEL – Empresa de Informática e Informação de Belo Horizonte / Autarquia Pública Municipal.

- conhecer a motivação dessa escolha, por meio de pesquisa no arquivo das leis de nomeação dos logradouros do município, disponível na Câmara Municipal de Belo Horizonte;
- recuperar a origem e a história desses nomes, por meio de pesquisas em bibliotecas, arquivos, museus, Cemitério Nosso Senhor do Bonfim e, quando possível, junto aos seus descendentes;
- averiguar se os moradores de tais logradouros conhecem a história das pessoas que nomeiam as ruas onde vivem;
- catalogar e descrever, por meio de fichas toponímicas, todos esses antropônimos, construindo um banco de dados;
- observar a ocorrência de variação e de mudança linguística; e
- contribuir, com a pesquisa toponímica, para a recuperação de parte da história social da capital mineira.

Em relação ao *corpus* da pesquisa, o primeiro passo foi delimitar, no universo de 14.271 (quatorze mil, duzentos e setenta e um) logradouros públicos da cidade, a amostra correspondente aos que são nomeados por antropônimos de origem italiana.

Essa delimitação se constituiu, basicamente, em analisar cada um dos nomes de logradouros de Belo Horizonte, sob a ótica do modelo de classificação taxionômica para os topônimos proposto por Dick (1975), objetivando, com isso, separar os antropotopônimos das demais taxonomias, como, por exemplo: astrotopônimos, cromotopônimos, hidrotopônimos, zootopônimos, corotopônimos, etc..

Concluída essa fase, a próxima etapa foi identificar, entre os antropotopônimos, aqueles cujos nomes e/ou sobrenomes eram de origem italiana. Nessa ocasião, contamos com a colaboração de italianos natos; utilizamos a lista telefônica da Itália; consultamos o registro de imigrantes em Minas Gerais, disponível no Arquivo Público Mineiro; informações disponíveis nos Arquivos dos Portos dos Estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Espírito Santo; consultamos o Catálogo Obituário do Cemitério Nosso Senhor do Bonfim e pesquisamos dicionários especializados, como, por exemplo, o *I cognomi d'Italia: dizionario storico ed etimologico* (CAFFARELLI, E. e MARCATO, 2008) e *Filius Quondam: a origem e o significado dos sobrenomes italianos* (MIORANZA, C., 2009).

Após o trabalho de identificação dos topônimos, chegamos ao total de 462 (quatrocentos e sessenta e dois) logradouros denominados com antropônimos italianos, entre nomes completos, cujos prenomes e sobrenomes eram italianos, e nomes que tinham apenas os sobrenomes de origem italiana.

Realizada essa tarefa, partimos para a pesquisa de campo, visitando, um a um, os 462 (quatrocentos e sessenta e dois) logradouros, para realização de entrevistas, por meio de um questionário dirigido, com 3 (três) moradores de cada um deles. Quando não conseguíamos completar as 3 (três) entrevistas com residentes do local em questão, entrevistávamos moradores ou trabalhadores daquele bairro, que conheciam o logradouro investigado há pelo menos 10 (dez) anos. As entrevistas foram gravadas, resultando no total de 1.386 (um mil, trezentas e oitenta e seis) gravações.

Além das entrevistas, foram fotografadas as placas que sinalizavam os logradouros; isto é, onde estavam estampados os nomes dos antropônimos italianos, identificando os nomes das ruas. Nos logradouros que tinham mais de uma placa, e os nomes apresentavam grafias distintas, foram fotografadas todas as formas variantes.

Buscando dar maior confiabilidade sobre a origem italiana ou descendência italiana das 462 (quatrocentas e sessenta e duas) personalidades, consultamos a legislação municipal que trata sobre a nomeação de ruas, avenidas e praças da cidade e, para tanto, realizamos minuciosa pesquisa, na Câmara Municipal de Belo Horizonte, em 273 (duzentas e setenta e três) leis, 74 (setenta e quatro) decretos e 115 (cento e quinze) plantas de bairros.

Finalizando essa etapa, confirmamos, oficialmente, a origem italiana de 183 (cento e oitenta e três) nomes de logradouros e esses, finalmente, formaram o *corpus* da presente pesquisa, juntamente com as 549 (quinhentos e quarenta e nove) entrevistas realizadas nos mesmos. Os 279 (duzentos e setenta e nove) logradouros excedentes, dos 462 (quatrocentos e sessenta e dois) visitados originalmente, e as suas 837 (oitocentas e trinta e sete) entrevistas, foram conservados e serão objeto de análise em nossos estudos posteriores.

Na pesquisa dos 183 logradouros (cento e oitenta e três), visitamos 98 (noventa e oito) bairros distintos, esparsos nas 9 (nove) regionais da cidade. A receptividade dos informantes, em regra, foi muito favorável. Eles se sentiram à vontade e não se incomodaram com a presença do gravador. Cada entrevista durou aproximadamente 5 (cinco) minutos, totalizando quase 38 (trinta e oito) horas de gravações.

Considerando o grande número de informantes e o objetivo primordial da pesquisa – que era identificar se o munícipe: 1) sabia ou não o nome do logradouro; 2) conhecia a personalidade que dava nome à sua rua; 3) identificava a origem daquele nome; 4) conhecia o logradouro por outra denominação, além da oficial – optou-se por aplicar um questionário padrão, no intuito de obter respostas objetivas.

À medida que realizávamos as entrevistas, fazíamos as transcrições das pronúncias dos entrevistados em relação ao antropotopônimo de origem italiana. É importante ressaltar que o objetivo não era realizar uma transcrição fonética, em sentido *strictu*, mas uma transcrição ortográfica adaptada, já utilizada pelas equipes dos Projetos “Filologia Bandeirante”⁵, “Pelas Trilhas de Minas: as Bandeiras e a Língua nas Gerais”⁶ e, mais recentemente pelo “ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais”⁷. Destacamos, ainda, que essa transcrição ortográfica adaptada só privilegiou o antropotopônimo, que é o nosso objeto de pesquisa.

Elaboramos, assim, um total de 549 fichas, assim classificadas:

- 183 (cento e oitenta e três) fichas de transcrições [uma ficha para cada logradouro, contendo 549 (quinhentas e quarenta e nove) entrevistas no total];
- 183 (cento e oitenta e três) fichas das motivações (contendo dados biográficos dos antropônimos);
- 183 (cento e oitenta e três) fichas toponímicas (contendo informações sobre o logradouro, sobre o antropônimo italiano que o nomeia, a sua fotografia, a imagem da planta do bairro, as fotografias das placas encontradas no local e os seguintes dados: forma como o nome está grafado na planta, nas placas e nas entrevistas que gravamos com os moradores).

4 Apresentação dos dados e análise dos resultados

Concluídas as pesquisas e o trabalho de campo, obtivemos uma série de dados que foram tabulados e analisados, dentre os quais destacamos, neste artigo, os mais relevantes.

Em relação à localização dos 183 (cento e oitenta e três) antropotopônimos nas regionais da cidade, constatamos que a maior parte insere-se na Regional Pampulha, onde se concentram 35 (trinta e cinco) nomes, 19% do total. Em seguida, surgem as Regionais Barreiro e Venda Nova que reúnem, cada uma, 24 (vinte e quatro) antropotopônimos, o que corresponde a 13% dos logradouros visitados. A Regional Leste é a que apresenta o menor número de ocorrência; isto é, apenas 10 (dez) logradouros, contemplando um pouco mais de 5% do cômputo geral.

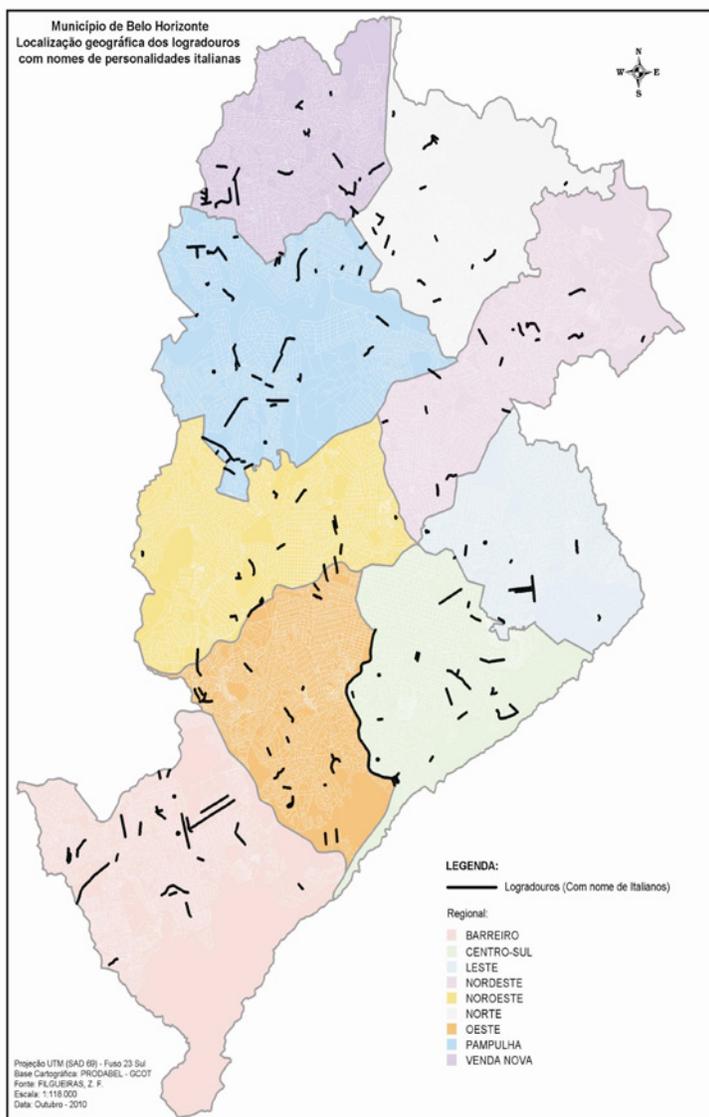
5 MEGALE (2000)

6 Projeto coordenado por COHEN, financiado pela FAPEMIG. FALE/UFMG.

7 Projeto coordenado por SEABRA. FALE/UFMG.

A grande representatividade de logradouros na Regional Barreiro, que ficou, juntamente com Venda Nova, em 2º lugar, pode ser explicada pela forte presença de imigrantes italianos, desde 1895, na chamada Colônia Agrícola do Barreiro.

O MAPA 1, a seguir, demonstra a distribuição dos logradouros no município e nas suas 9 regionais.



A maior parte dos logradouros, como se constata, pela análise do GRÁFICO 1, a seguir, localiza-se na Regional Pampulha, onde se concentram 35 (trinta e cinco) nomes, 19% do total. Em seguida, surgem as Regionais Barreiro e Venda Nova que reúnem, cada uma, aproximadamente, 24 (vinte e quatro) antropotopônimos o que corresponde a 13% dos logradouros visitados. A Regional Leste é a que apresenta o menor número de ocorrência, isto é, apenas 10 (dez) logradouros, contemplando um pouco mais de 5% do cômputo geral.

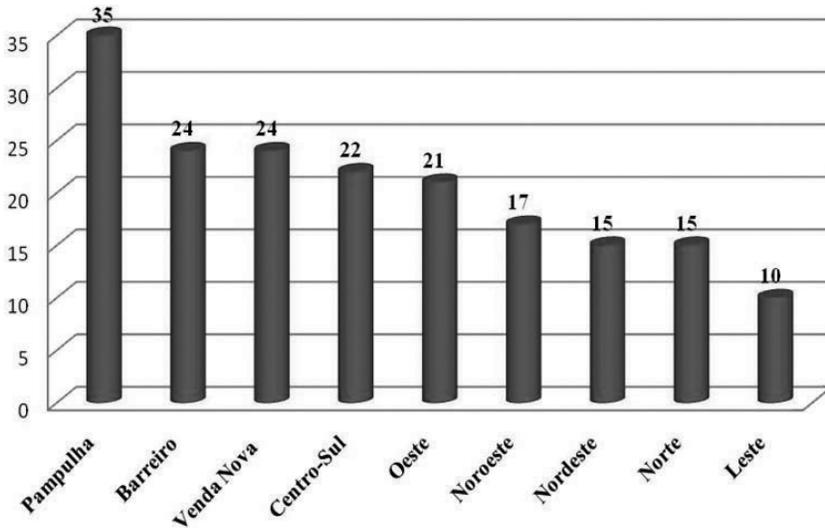


GRÁFICO 1 – Logradouros com antropônimos de origem italiana, dentre os 183 visitados, classificados pelas 9 Regionais de Belo Horizonte

FONTE: FILGUEIRAS, Z. F. 2011.

Analisando as regiões italianas de origem das personalidades que dão nomes aos 183 (cento e oitenta e três) logradouros investigados, descobrimos que a maior parte procedeu do Veneto; isto é, 33 (trinta e três) nomes, que contabilizam 18,03% do total. Em segundo lugar, figuram 3 (três) regiões – Emilia-Romagna, Lazio e Lombardia –, cada uma delas responsável por 21 (vinte e um) antropônimos, o que, em dados percentuais, corresponde a 11,48%.

Salientamos que, nesta pesquisa, consideramos, também, como parte do nosso *corpus* de antropotopônimos, as formas toponímicas nomeadas por Dick (1990, p. 32) como axiotopônimos – “topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais”. Seguindo essa natureza toponímica, registramos 26 (vinte e seis) dados, correspondendo a

14,21% do total estudado, a saber: *Rua Arquiteto Morandi, Rua Arquiteto Raffaello Berti, Avenida Deputado Antônio Lunardi, Rua Doutor Alexandre Sartori, Rua Doutor Américo Gasparini, Rua Doutor Américo Gianetti, Rua Doutor Fernando Scarpelli, Rua Doutor José Greco, Rua Doutor Ronald Marçolla, Rua Doutor Sylvio Menicucci, Rua Doutor Thomaz Muzzi, Rua Engenheiro Amaro Lanari, Rua Engenheiro Carlos Antonini, Praça Engenheiro Lenine Savini, Rua Expedicionário Celso Racioppi, Rua Madre Gertrudes Comensoli, Rua Madre Mazzarello, Rua Maestro George Marinuzzi, Praça Padre Alfredo Sabetta, Praça Padre Dino Barbiero, Rua Padre Francisco Scrizzi, Rua Padre Paulo Rególio, Avenida Professor Alfredo Balena, Rua Professor Manoel Cassanta, Rua Professor Mário Casassanta e Rua Professor Ziller.*

Sobre os dados orais, coletados nas 549 (quinhentas e quarenta e nove) entrevistas com os moradores dos 183 (cento e oitenta e três) logradouros, destacamos resultados apresentados a seguir.

Para a questão formulada “você sabe quem foi essa pessoa?”, apenas 179 (cento e setenta e nove) informantes, ou seja, 32,60% dos 549 (quinhentos e quarenta e nove) entrevistados, afirmaram que sabiam quem era a personalidade que nomeava o logradouro. Uma ressalva: dos que afirmaram saber, apenas 74 (setenta e quatro) – 13,48% – acertaram; 88 (oitenta e oito) – 16,03% – erraram, e não foi possível confirmar o erro ou o acerto de 17 (dezessete) informantes (3,09%), por não termos tido acesso a informações sobre as profissões de alguns homenageados.

Para os 179 (cento e setenta e nove) informantes que “souberam dizer” quem foi a personalidade, independentemente de terem acertado ou não, a maior parte, 17,88% do total, acredita que os antropônimos que nomeiam os logradouros onde vive pertencem a políticos. Em seguida, a resposta mais frequente foi “antigo morador do bairro”, com 15,10%. Vale a pena destacar que apenas 1 (um) informante, em uma situação, respondeu que o nome era de uma família italiana.

Respondendo à questão “você sabe a origem do nome dessa rua?”, nossos informantes (86,70%), a maioria, dizem conhecer a origem do antropotônimo. Entretanto, apenas 16,98% dos entrevistados sabem que os nomes são de origem italiana; a maioria, 19,08%, acha que pertencem a brasileiros e 63,94% apontam procedências diversas: espanhola (12,16%), portuguesa (11,53%), francesa (9,43%), estrangeira (8,80%), alemã (4,60%), indígena (4,61%), holandesa (2,73%), grega (2,10%), inglesa (1,89%), africana (1,68%), árabe (0,84%), irlandesa (0,63%), dinamarquesa (0,42%), europeia (0,42%), hebraica (0,42%), aramaica (0,21%), australiana (0,21%), castelhana (0,21%), iraniana (0,21%), nipônica (0,21%), persa (0,21%), tupi (0,21%) e turca (0,21%).

Buscando averiguar a incidência de toponímia paralela, analisamos as respostas dadas à questão “a rua é conhecida por outro nome?” e obtivemos os seguintes resultados: 318 pessoas (57,92%) disseram que sim, 227 (duzentos e vinte e sete) entrevistados (41, 35%) disseram que não e outros 4 (quatro) – 0,73% – disseram que não sabem.

Sobre a variação e mudança linguística, constatamos que 83,61% dos antropotopônimos apresentaram variação ou mudança, seja dos mapas para as plantas ou dessas para as placas ou, ainda, nos dados orais, totalizando 153 (cento e cinquenta e três) ocorrências. Não houve variação ou mudança; isto é, os nomes se mantiveram sem alterações, em 30 (trinta) dados, correspondendo a 16,39% dos antropotopônimos.

Assim, tivemos casos como:

I. Adequações fonético-fonológicas

- a) Algumas adaptações fonético-fonológicas na antropotoponímia ocorrem como consequência de analogia; isto é, o falante, em contato com um antropotopônimo que não integra seu saber linguístico, tende a modificá-lo. São exemplos dessas ocorrências os casos apresentados no QUADRO 1, a seguir:

QUADRO 1 – Exemplos de ocorrências de adequação fonético-fonológica por analogia

Nome oficial do logradouro	Variante encontrada
Rua Athur Lucchesi	Rua Arthur <i>Lucrécio</i>
Rua Domingos Riccaldoni	Rua Domingos <i>Ricardão</i>
Rua Ettore Corrieri	Rua <i>Heitor Cornélio</i>
Praça Salvador Morici	Praça Salvador <i>Moacir</i>

- b) Os metaplasmos de subtração, que se dão quando um ou mais fonemas desaparecem no vocábulo, ocorreram em alguns de nossos dados. Assim, identificamos casos de aférese, síncope e apócope, como, por exemplo, os apresentados no QUADRO 2, a seguir:

QUADRO 2 – Exemplos de ocorrências metaplasmos de subtração

Nome oficial do logradouro	Variante encontrada
Rua Padre Francisco Scrizzi	Rua Padre Francisco <i>Cris</i>
Rua Aquilino Cardinali	Rua <i>Aquino</i> Cardinale
Rua Aquilino Cardinali	Rua Aquilino <i>Cardinal</i>

II. Adaptações gráficas

Alterações gráficas foram encontradas como reflexos da adaptação da língua italiana ao sistema fonético-fonológico do Português Brasileiro, como, por exemplo, as que estão dispostas no QUADRO 3, apresentado em seguida:

QUADRO 3 – Exemplos de ocorrências de adaptações gráficas

Nome oficial do logradouro	Variante encontrada
Rua Afonso Ricaldoni	Rua Afonso <i>Ricardone</i>
Rua Agrippino Grieco	Rua <i>Agregino</i> Grieco
Rua Antônio Falci	Rua Antônio <i>Falsi</i>
Rua Veraldo Lambertucci	Rua Veraldo <i>Lambertusse</i>
Avenida Raja Gabaglia	Avenida Raja <i>Gabalia</i>

III. Lexical

Oscilação no emprego de um ou outro topônimo como exemplificamos no QUADRO 4, a seguir:

QUADRO 4 – Exemplos de oscilação no emprego do topônimo

Nome oficial do logradouro	Variante encontrada
Viaduto Ângelo Pedersoli	Viaduto <i>Santa Quitéria</i>
Rua Fernando Tamietti	Rua <i>da Matriz</i>
Beco Augusto Papine	Beco <i>Padre Café</i>
Rua Rosa Zandona	Rua <i>do Cerrado</i>

Em vários antropotopônimos, observamos a simplificação da dupla consoante, especialmente nos dados da linguagem escrita recolhidos no Mapa Oficial do Município (Mapa do Município de Belo Horizonte. PRODABEL, 2001) e nas plantas dos logradouros. Dessa maneira, foram encontrados, por exemplo, os casos registrados no QUADRO 5, disposto em seguida.

QUADRO 5 – Exemplos de ocorrências de adaptações gráficas

Nome oficial do logradouro	Variante encontrada
Gennaro	<i>Genaro</i>
Baggetti	<i>Baguete</i>
Dinelli	<i>Dineli</i>
Filizzola	<i>Filizola</i>

Em relação à substituição lexical, observando a legislação municipal, constatamos que do total de 183 (cento e oitenta e três) logradouros visitados, 101 (cento e um) deles, correspondentes a 55,19% dos dados, tiveram, anteriormente, outras denominações.

Considerações finais

Investigando a antropotoponímia de origem italiana, presente na capital mineira, tendo em vista a dinamicidade da língua, constatamos que não há como desconsiderar os impactos da cultura e da própria realidade social, nos seus processos de formação, fixação e manutenção.

Confirmamos que grande parte das personalidades de origem italiana – que dão nome aos logradouros da presente pesquisa – contribuiu, efetivamente, para o progresso e o desenvolvimento dessa capital. Muitos imigrantes vieram para a cidade em decorrência da sua construção e, por isso, eram, quase todos, arquitetos, empreiteiros, mestres de obras, pedreiros, comerciantes, lavradores, paisagistas, empresários e artistas – porém, aproveitando a capacidade de empreendimentos da cidade emergente, assumiram, em várias ocasiões, mais de uma função.

Os resultados da pesquisa, em relação à possibilidade de recuperação de parte da história do município, foram positivos, pois conseguimos resgatar, após a análise do *corpus*, a pesquisa de campo e as investigações históricas, relevantes elementos informativos sobre o passado da capital mineira.

Em relação à representatividade dos 183 (cento e oitenta e três) antropotônimos para os 549 (quinhentos e quarenta e nove) informantes entrevistados, os dados revelaram desconhecimento bastante significativo, como constatado com os resultados da questão “você sabe quem foi essa pessoa?”. Dos 179 (cento e setenta e nove) informantes que afirmaram saber, apenas 74 (setenta e quatro); isto é, 13,48% do total dos 549 (quinhentos e quarenta e nove) entrevistados, acertaram quem era a personalidade que dava nome à sua rua.

Sobre retenção, variação e mudança, observamos que o índice de retenção, 16,39%, foi muito inferior ao de variação e ao de mudança, que chegou a 83,61%, evidenciando que, por se tratar de língua estrangeira havendo, portanto, perdas de referências denominativas, as variações e mudanças linguísticas foram favorecidas.

Outro fenômeno observado, durante o exame dos documentos pesquisados, foram as adaptações dos prenomes. Assim, em vários casos, encontramos, por

exemplo, o nome Domenico registrado como Domingos, Giuseppe como José, Luigi como Luiz e Francesco como Francisco.

Se os nomes de ruas têm o objetivo de guardar a memória da cidade, por meio de homenagens a figuras públicas, munícipes eminentes, datas comemorativas, eventos coletivos marcantes na vida das pessoas, é importante se pensar na conservação dessa memória, para que ela não se perca com o passar do tempo. Por isso, foi muito interessante entrevistar e conversar com os 549 (quinhentos e quarenta e nove) informantes que colaboraram com essa pesquisa, conhecendo suas opiniões sobre a cidade e seus topônimos.

Observá-los em suas narrativas, entrar em contato com o imaginário coletivo e perceber, dentro do conjunto, as imagens construídas individualmente, reveladas pelo olhar singular de cada um sobre uma mesma realidade, significou experimentar um universo variado de interpretações, confirmando a tese de que reconstruir o passado não é privilégio do historiador.

Isso posto, para encerrar este artigo, valemo-nos da afirmação de SILVA, para quem

o léxico de todas as línguas é essencialmente marcado pela mobilidade; as palavras e as expressões, com elas construídas, surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações, de sorte a promover o encontro marcado do falante com a realidade do mundo biosocial que o acolhe: o homem e o mundo encontram-se no signo. (SILVA, 2000, p. 142)

Referências bibliográficas

- BIDERMAN, M.T.C. Dimensões da Palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. n. 2. São Paulo: UNESP, 1998a, p. 81-118.
- _____. *Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade*. In: *Alfa*, v.47, n. 1, p. 53-69, 2003.
- BRUNHES, J. *La Geographie Humaine*. Paris, 1925.
- CAFFARELLI, E.; MARCATO, C. *I cognomi d'Italia: dizionario storico ed etimologico*. Torino: UTET, 2008. 2 v., L+1822p.
- COHEN, M. A. A. M e DOGLIANI, E. J. A. A. M (Orgs.). *Pelas trilhas de Minas: a língua das Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 1, 270p. 2011.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O problema das taxionomias toponímicas: uma contribuição metodológica. *Separata da Revista Língua e Literatura*, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, v. 4, p. 372-380, 1975.

- _____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- _____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990a.
- _____. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1997.
- FILGUEIRAS, Z. F. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente*. 2011. 348f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. Tradução de Maria Elisa Mascarenhas. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1980.
- LENNEBERG, E. H. & LENNEBERG, E. (Ed.) *Foundations of language development: a multidisciplinary approach*. New York: Academic Press, 1975.
- LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979. (Coleção Letras e Linguística, v. 13)
- MAPA do município de Belo Horizonte, 2001. Compilado pela equipe técnica da Diretoria de planejamento urbano. Belo Horizonte, Prodabel, 2001. Escala 1 : 25.000. Legenda, colorido.
- MEGALE, H. (Org.). *Filologia Bandeirante. Estudos I*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- MIORANZA, C. *Filius Quondam: a origem e o significado dos sobrenomes italianos*. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009. 415p.
- MONTEIRO, N. G. *Imigração e colonização em Minas Gerais: 1889 a 1930*. Belo Horizonte: Cooperativa da Fundação Cultural de Belo Horizonte, 1973.
- OGDEN; RICHARDS *apud* LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979. (Coleção Letras e Linguística, v. 13)
- OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.
- SEABRA, Maria Cândida T. C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. Orientadora: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Costa. 2004. (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. 368p.
- _____. Referência e onomástica. In.: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Orgs.). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2006, v. 1, p. 1953-1960.

SILVA, M. E. B. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, J. C. (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 1, p. 142-146.